



# Quando a posição fluente se perde: desarmonia entre fala e língua

## When fluent position is lost: disharmony between speech and language

## Cuando la posición fluida se pierde: la falta de armonia entre el habla y el lenguaje

Wladimir A.P. de L. Damasceno\*

Silvia Friedman\*\*

### Resumo

**Objetivo:** Desenvolver compreensão sobre a desarmonia entre fala e língua a partir do discurso de pessoas adultas com gagueira. **Métodos:** Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 6 adultos que gaguejam, a partir de perguntas-chave. Após a transcrição dos discursos, a noção de práticas discursivas e produção de sentidos permitiu que se definissem três categorias analíticas. **Resultados:** As categorias foram: Sentido da Fala (Positivo e Negativo); Contexto de Fala (Efeito Outro e Efeito Sozinho) e Antecipação da Gagueira. Em Sentido da Fala – Positivo os entrevistados relataram os modos de se sentir relacionados a fluir melhor na fala e a permitir-se gaguejar. Em Sentido da Fala – Negativo os entrevistados relataram sentir-se dessemelhantes e marginalizados por seu modo de falar. Em Contexto de Fala – Efeito Outro, os entrevistados mostraram que ao ocuparem a posição de falantes gogos imaginam o outro como aquele que fiscalizará seu dizer. Em Contexto de Fala – Efeito Sozinho, os entrevistados reiteram a gagueira como uma manifestação fortemente atrelada à presença do outro. Em Antecipação da Gagueira os entrevistados revelam os modos como a gagueira é prevista subjetivamente antes de materializar-se na fala. **Conclusão:** a desarmonia entre fala e língua, no discurso gaguejante, relaciona-se a um falante que se sente estigmatizado em certas condições de produção discursiva; a desarmonia entre fala e língua se materializa com a finalidade de evitar a gagueira prevista. Tais características assinalam alguns elementos que parecem importantes ao direcionamento de uma abordagem terapêutica fonoaudiológica da gagueira que pretenda superar o modo de funcionamento subjetivo/discursivo que a sustenta.

**Palavras-chave:** gagueira; linguagem; linguística.

\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

\*\* Professora Titular do Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.





## Abstract

**Purpose:** To develop the understanding about disharmony between speech and language via the speech of adult stutterers. **Method:** Semi-structured interviews were conducted with six adults, following the key questions. After the speech transcription, the notion of discursive practices and production of meaning allowed us to define three categories. **Results:** The categories were: Sense Speech (Positive and Negative); Context of Speech (The Effect of Others and The Effect of Being Alone) and Anticipation of Stuttering. In Sense Speech-Positive respondents reported how they feel when they flow better in speech and when they allow themselves to stutter. In Sense of Speech-Negative respondents reported feeling dissimilar and marginalized by their manner of speaking. In Context of Speech-The Effect of Others, respondents showed when they feel like stutterers they imagine the others monitoring their speech. In Context of Speech-The Effect Alone, respondents reiterate the stuttering as a manifestation strongly linked to the presence of others. In Anticipation of Stuttering respondents reveal the ways in which stuttering is expected subjectively before it is materialized in their speech. **Conclusion:** disharmony between speech and language, in stuttered speech, is related to a speaker who feels stigmatized in his subjectivity in face of certain conditions of discursive production; disharmony between speech and language is materialized in order to avoid the provided stuttering. These characteristics indicate some elements that seem important to the targeting of a therapeutic approach of stutter speech wishing to overcome the subjective/discursive functioning that sustains it.

**Key-words:** stuttering; language; linguistics.

## Resumen

**Objetivo:** Desarrollar la comprensión de la falta de armonía entre el habla y el lenguaje desde el discurso de los tartamudos adultos. **Métodos:** Se realizó entrevistas semi-estructuradas con seis adultos que tartamudean, a partir de las preguntas clave. Después de transcribir los discursos, la noción de prácticas discursivas y la producción de significados permite definir tres categorías. **Resultados:** Las categorías fueron: Sentido del Habla (Positivo y Negativo), Contexto de (Efecto Otro y Efecto Solo) y Anticipación de la Tartamudez. En Sentido del Habla \_ - Positivos los encuestados informaron los modos de sentirse relacionados a fluir mejor en el habla y se permite tartamudear. En Sentido del Habla \_ - Negativo encuestados dijeron sentirse diferente y marginado por su manera de hablar. En Contexto de Habla - Efecto Otro, los encuestados mostraron que ocupando la posición de hablantes tartamudos se imaginan al otro como alguien que va a supervisar su voz. En Contexto de Habla - Efecto Solo, los encuestados reiteran la tartamudez como una manifestación fuertemente ligada a la presencia del otro. En Anticipación de la los encuestados Tartamudez revelan los modos en que la tartamudez se prevé subjetivamente antes de materializarse en el discurso. **Conclusión:** La falta de armonía entre el habla y el lenguaje, en discurso tartamudo, se refiere a un hablante que se siente estigmatizado en ciertas condiciones de producción discursiva; la falta de armonía entre el habla y el lenguaje se materializa con el fin de evitar la tartamudez que se prevé. Estas características indican algunos elementos que parecen importantes en la orientación de un enfoque terapéutico de la tartamudez que desee superar el funcionamiento subjetivo/discursivo que la sustenta.

**Palabras-claves:** tartamudeo, lenguaje, lingüística.





## Introdução

A literatura científica fonoaudiológica acerca de fluência, disfluência e gagueira apresenta, em sua maioria, trabalhos com base no paradigma médico positivista<sup>(1)</sup>. Essa visão caracteriza-se por uma abordagem centrada no organismo e na anátomo-fisiologia que permitem entender as questões da fala do ponto de vista quantitativo.

Nessa perspectiva, vê-se a fluência de fala como resultado de um funcionamento neurológico sincrônico entre os sistemas linguísticos e cognitivos e os sistemas prosódicos da fala e paralinguísticos. Aspectos neurais motores e os envolvidos na linguagem em equilíbrio produzem fluência<sup>(2)</sup>.

A disfluência, por sua vez, é classificada em comum e gaga. As “comuns”, presentes no discurso de todos os falantes, são as interjeições, repetições de palavras, hesitações, palavras incompletas, revisões e segmentos de palavras ou frases. As “gagas”, consequência de um comprometimento neurológico do ato motor fluente de fala, são: 03 ou mais repetições de sons e/ou sílabas e/ou palavras, prolongamentos, bloqueios e pausas longas e intrusões de sons<sup>(2)</sup>.

A perspectiva positivista, assim, permite diferenciar a disfluência comum da gaga pelo estabelecimento de limites quantitativos entre elas.

Nessa condição, a gagueira é descrita como um transtorno que se manifesta por rupturas involuntárias no fluxo do discurso, que afeta a fala nos subsistemas respiração, fonação e articulação<sup>(3)</sup>. Esse transtorno decorre de bases orgânicas que envolvem hereditariedade, genética e alterações neurológicas. É definido como uma dificuldade ou incapacidade na recuperação do equilíbrio dos sistemas neurais responsáveis pela fala fluente<sup>(2)(3)</sup>.

Com base em resultados de pesquisa que indicaram rupturas de fala em início de palavras e sílabas, considerou-se que a gagueira decorre de “uma dificuldade na temporalização entre as velocidades de seleção e ativação fonológica”<sup>(4)</sup> (p.23).

A perspectiva positivista, desse modo, permite ao fonoaudiólogo analisar a gagueira pela técnica de amostragem, a partir de sílabas e palavras gravadas e transcritas<sup>(2)</sup>. Essa análise pode ser feita em relação à tipologia das disfluências, à velocidade de fala, à frequência de rupturas e a outros traços associados à fala como movimentos corporais e vocais, além da formulação discursiva em termos da organização da mensagem. A amostra é usada

para ser comparada percentualmente aos padrões previamente definidos, indicativos de normalidade ou patologia.

Na visão positivista, portanto, a etiologia, a semiologia e a diagnóstica ligadas à gagueira têm por base um corpo deficiente<sup>(5)</sup>, estudado de modo isolado de aspectos pessoais, sociais ou linguístico/discursivos que possam estar relacionados ao falante. Nessa condição, do ponto de vista terapêutico, propõe-se um manejo da gagueira direcionado à modelagem da forma de falar. Assim, com a intenção de lidar com os fatores etiológicos, na abordagem terapêutica propõe-se treinar o falante com gagueira a monitorar sua fala, por meio de técnicas e instrumentos, a fim de modelá-la a um padrão considerado normal<sup>(6)</sup>.

Uma crítica a respeito da abordagem clínico-terapêutica que se estrutura em torno de uma etiologia, semiologia e diagnóstica apoiadas no discurso médico positivista foi construída na literatura fonoaudiológica. Nesta, argumenta-se que tal abordagem reduz a terapêutica a técnicas prescritivas<sup>(6)</sup> e que esse modo de se organizar, com elementos clínicos emprestados de outras ciências, inspirou a busca de caminhos para se distanciar de tal entendimento e pensar uma clínica fonoaudiológica centrada no sujeito que pudesse manter coesão e covariância entre seus 4 elementos<sup>1</sup>.

Uma das tendências a olhar a fluência de fala e os seus problemas por essa ótica, presente na literatura fonoaudiológica e afins, se apoia no paradigma dialético-histórico<sup>(1)</sup>. Com essa base construiu-se uma clínica da gagueira caracterizada por uma abordagem centrada no sujeito falante e na compreensão dos efeitos que as relações entre as pessoas, em contextos sócio-culturais específicos, produzem na capacidade de falar, os quais concorrem para moldar a subjetividade do falante.

Ao construir conhecimento nessa direção, a fluência de fala é encarada como um acontecimento complexo, cuja compreensão depende de considerá-la, no mínimo, a partir de três dimensões: a orgânica (condições biológicas do indivíduo), a psíquica (condições subjetivas) e a social (condições culturais, costumes, mitos e ideologias)<sup>(7)</sup>.

Pensá-la nessa perspectiva implica levar em conta a dialética entre o interno (condições biológicas e subjetivas) e o externo (condições

1. Os 4 elementos são: semiologia, etiologia, diagnóstica e terapêutica.





sócio culturais) da pessoa que fala<sup>(7)</sup>. Isso afasta a possibilidade de entendê-la de modo homogêneo e previsível e abre espaço para pensar os lapsos, os esquecimentos, as hesitações, as quebras e as descontinuidades como parte integrante e ativa da fluência de fala.

Em um estudo sobre a fluência de crianças entre 22 meses e 3 anos de idade, identificou-se que os trechos fluentes da fala infantil são os já conhecidos e vêm em bloco, já os trechos em construção são instáveis e disfluente, entendidos como momentos de descoberta da língua e suas regras<sup>(8)</sup>. As disfluências, segundo a autora<sup>(8)</sup>, “ao invés de serem problemas de formulação, são, na verdade, constitutivas da fala. São estratégias de que o falante lança mão para a construção do texto oral”. Compreender a fluência como absoluta e como uma produção circunscrita apenas ao falante, faz parte de uma ideologia de senso comum, é uma abstração inexistente, diz a autora<sup>(8)</sup>.

Outra autora<sup>(9)</sup> colabora para uma compreensão de que a fluência não pode ser tomada como homogênea e previsível. Ao analisar o modo como o momento de produção de fala é afetado pelas relações entre o sujeito, o outro e a língua, refere três condições de produção do discurso, presentes para todo falante: a) a relação de forças - em uma sociedade hierarquizada, o dizer, dependendo da posição social do falante, pode ter mais ou menos valor e implicar no modo como ele fala; b) a relação de sentido - tudo o que é dito tem relação com outras coisas já ditas ou imaginadas, não existe um dizer único e inédito, o sentido do dizer é sempre aberto e não é evidente, já que está sujeito à interpretação do ouvinte; e c) a antecipação - de seu lugar, o falante experimenta o lugar de seu interlocutor e imagina o que este vai pensar a seu respeito e a respeito do que está dizendo.

Dessa forma, a disfluência,

“é o lugar de subjetivação, o lugar onde a língua, enquanto outro faz efeito no sujeito e ele joga com ela, descobre regras e é levado a assemelhar-se à fala do adulto. Essa disfluência é constituinte do sujeito e permanece até a idade adulta, uma vez que o conceito de fluência é ideal. Poderia, entretanto, deslocar-se para gagueira? Os discursos dos sujeitos gogos e de seus pais a que temos acesso na clínica fonoaudiológica nos diz que sim”<sup>(10)</sup>.

O deslocamento de disfluência para gagueira está relacionado à posição discursiva em que a criança é capaz de reconhecer seus erros, produz

pausas, reformulações, hesitações e autocorrekções<sup>(10)</sup> <sup>(11)</sup>. Essa posição, para as autoras, parece ser um lugar interessante para pensar a origem da gagueira, porque nela a criança, submetida às condições de produção do discurso, está sujeita a disfluir e, face à ideologia de senso comum, a ter seu discurso interpretado como gaguejante pelo outro, geralmente um adulto. Tal interpretação do adulto recusa sentido à fala disfluente da criança e ressalta a forma. A partir dessa interpretação, “a criança depara-se com a diferença, a recusa de assemelhamento, sendo silenciada por este outro e deslocada para a posição de sujeito gago”<sup>(10)</sup>.

Na mesma direção, a constituição da gagueira foi explicada a partir de uma ideologia de bem falar que rejeita e estigmatiza a fala disfluente da criança<sup>(12)</sup>. Nessa condição, a fala fica numa situação paradoxal, na qual a criança nem pode falar como falava, nem sabe como falar de outro modo, o que gera tensões em sua fala. Tal perspectiva vai ao encontro da visão de uma relação autoritária que não permite reversibilidade no discurso. Isso leva à constituição, na subjetividade, de uma imagem estigmatizada de falante, o que, por sua vez, é coerente com noção de recusa de assemelhamento<sup>(12)</sup>. O efeito disso na subjetividade é a antecipação, na fala, dos lugares em que a gagueira ocorrerá, na tentativa de contê-la. Desse modo, a autora indica que na gagueira, o falante prioriza a forma de sua fala em detrimento do sentido<sup>(12)</sup>.

A esse respeito, foi dito que na ordem discursiva há uma tensão natural entre língua (forma) e fala (sentido). Essa tensão é estruturante e determina todo o dizer, de tal modo que a linguagem é a articulação de língua e fala<sup>(10)</sup>. Na posição fluente há um privilégio do sentido (fala) em detrimento da forma (língua), já na posição gaguejante a tensão natural dá lugar a uma desarmonia, porque o privilégio passa a estar na forma, o que se expressa pela certeza que o falante gago mostra de não conseguir falar sem gaguejar certas palavras, certos fonemas, com certas pessoas, etc. O privilégio da forma em detrimento do sentido, completam as autoras<sup>(10)</sup>, leva o falante à perda da posição fluente.

Na visão dialético-histórica, em que a gagueira é entendida como problema de linguagem, percebe-se que a semiologia, a etiologia e a diagnóstica, referem-se a um sujeito da/na linguagem, socialmente implicado. Assim, para o diagnóstico, a semiologia mostra um falante que, na subjetividade, ocupa uma posição estigmatizada devido





à sua forma de falar e, no funcionamento discursivo, perde a espontaneidade e mostra tensões. A etiologia refere-se a uma subjetividade marcada pelo desejo de controlar a fluência para ocultar a gagueira e um funcionamento discursivo marcado pelo privilégio da forma em detrimento do sentido.

Esse tipo de visão permite uma abordagem terapêutica que mantém homogeneidade e covariância com os outros elementos da clínica, visto que, a partir das histórias e relatos do paciente, é possível conhecer os significados cristalizados sobre si, sobre a própria fala e sobre o outro e, a partir de diálogos e vivências de sensibilização da fala, promover a desestabilização de tais significados, bem como a abertura de novos sentidos, de modo a proporcionar ao paciente a vivência de experiências novas e singulares que lhe permitam sair da posição de falante estigmatizado, para ocupar uma posição em que confia em sua capacidade de falar<sup>(5) (7) (12)</sup>.

Por considerar a desarmonia entre língua e fala aqui delineada como uma proposição fértil para compreender e tratar de gagueira, interessamos aprofundá-la na presente pesquisa a partir do discurso de pessoas adultas com gagueira.

## Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa prospectiva que visa desenvolver a compreensão sobre a desarmonia entre língua e fala no funcionamento discursivo gaguejante, por intermédio de entrevistas com seis pessoas adultas que se consideram gagas.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o número 333/2010. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da coleta de dados, após terem sido informados sobre os objetivos da pesquisa.

As entrevistas, entendidas como práticas discursivas<sup>(13)</sup> foram semi-estruturadas e se organizaram em torno daquilo que o entrevistado respondeu ao entrevistador/pesquisador quando este perguntou: “o que vem à tua mente quando eu digo: falar; falar com fluência; falar em público; falar sozinho; o que o ajuda a fluir; o que faz para não gaguejar ou o que o ajuda a não gaguejar; se sabe que vai gaguejar; e o que o faz saber que vai gaguejar”, dando-lhe tempo para responder um

por um desses aspectos. Tais aspectos auxiliaram a pensar na relação entre fala e língua.

Participaram da pesquisa seis adultos que se consideravam gagos. A partir das relações do pesquisador, bem como de sua orientadora de pesquisa, pessoas nessa condição foram contatadas por e-mail ou por telefone. Nesse primeiro contato expôs-se brevemente o projeto de pesquisa e fez-se o convite para participar de uma entrevista individual. A participação foi voluntária e todas as entrevistas ocorreram em data, lugar e horário previamente definidos pelo entrevistado. Estas duraram em média 45 minutos e foram áudio gravadas. Definiu-se que o número de participantes seria seis, após verificar que os conteúdos das entrevistas começavam a se repetir. Para os efeitos da apresentação dos resultados, os entrevistados foram tratados como E1, E2, E3, E4, E5 e E6. (Quadro 01).

As entrevistas foram transcritas em ortografia regular e analisadas na íntegra, após leitura e releitura atenta e sistemática. Isso permitiu chegar a categorias que, coerentes com o objetivo da pesquisa, abarcaram o conjunto de enunciados que as compõe.

Para favorecer a visibilidade da análise e da interpretação feita dos discursos obtidos e garantir o rigor, as entrevistas transcritas foram organizadas em “Mapas de Associação de Ideias” (Quadro 02). Esses mapas são quadros que na linha horizontal apresentam as categorias temáticas definidas de acordo com o objetivo da pesquisa, e na linha vertical, apresentam os discursos dos entrevistados que corresponderam a cada categoria. Os discursos foram transpostos, em sua totalidade, para as colunas formadas pelas categorias que a eles se considerou correspondentes, resguardando a ordem original em que foram ditos, por meio do uso de números. Desse modo, a leitura vertical permitiu a apreensão dos repertórios (conjunto de termos, descrições e figuras de linguagem) e a leitura horizontal (seguindo a ordem numérica) a dos processos de produção de sentidos criando, assim, as condições para que se pudesse alcançar o objetivo da pesquisa.

Após a transcrição das entrevistas de cada um dos participantes foi possível definir as três categorias discursivas abaixo explicitadas, sendo duas compostas por duas sub-categorias. Todos os participantes produziram discursos correspondentes às três categorias.







Quadro 01 – Caracterização dos Participantes

Sujeito	Idade	Gênero	Atividade	Vê-se gago	Fez terapia	Faz terapia
E1	31	Masculino	Pós Graduação em gestão universitária. Assistente Administrativo	Desde os 8 anos	4 meses quando adulto	Não
E2	30	Masculino	Estuda Direito Técnico de Manutenção Elétrica	Desde os 6 anos	6 anos quando adulto	Não
E3	34	Masculino	Estudante de Farmácia Policial Militar	Desde criança	6 sessões quando adulto	Não
E4	34	Feminino	Assistente Social	Desde os 20 anos	Fez terapia psicológica, neurológica e 3 fonoaudiológicas	Não
E5	36	Masculino	Engenheiro Consultor	Desde sempre	Freqüentou 2 fonoaudiólogas quando adulto	10 meses de terapia
E6	33	Feminino	Advogada e Secretaria Executiva	Desde os 7 anos	Não	Estava há 2 meses em tratamento

Quadro 02 – Mapa de Associação de Ideias

Sentido da Fala		Contexto de Fala		Antecipação da Gagueira
Positivo	Negativo	Efeito Outro	Efeito Sozinho	
1 - Eu acho que falar é uma coisa bem natural.	2 - As pessoas que não gaguejam têm como uma coisa bem natural. Para os gogos é algo bem difícil.	3 - Assim, o falar eu posso dividir em dois segmentos: o falar com pessoas íntimas, com amigos e o falar com pessoas com quem não tenho um certo contato. Falar com pessoas íntimas é mais fácil, transcorre mais naturalmente. Já falar com pessoas que você não tem intimidade ou até mesmo no trabalho, com o chefe é mais difícil para o sujeito gago.	14 - Poucas vezes eu tentei falar sozinho, mas eu percebo que a gagueira some.	13 - Eu tento trocar as palavras que eu sei que vou gaguejar. Acho que muitos gogos fazem isso. Eles por não se sentirem seguros com aquela palavra...(...) Assim... porque ele vai antecipar, ele sabe que naquela palavra ele vai gaguejar, mas não tem nada a ver, né? Ele não sabe mesmo, de verdade, que vai gaguejar, mas na cabeça dele, ele vai gaguejar. Ele troca aquela palavra por outra. Tem vezes que aquela palavra não tem o mesmo significado. Aí fica algo sem sentido. Tem hora que até pode dar certo, porque tem o mesmo significado, mas tem horas que não.





**Sentido da Fala** composta pelas sub-categorias **Positivo** e **Negativo**. **Contexto de Fala** composta pelas sub-categorias: **Efeito Outro** e **Efeito Sozinho**. **Antecipação da Gagueira**.

A categoria **Sentido da Fala** reúne discursos sobre os modos como o entrevistado se sente em relação a si, a sua fala e/ou à gagueira.

A categoria **Contexto de Fala** reúne discursos sobre as vivências de fala dos entrevistados nas situações sociais do cotidiano, com foco tanto nas experiências de falar para um ou mais ouvintes, como na de falar sozinho.

A categoria **Antecipação da Gagueira** reúne discursos que indicam que o entrevistado previu a gagueira na fala que ainda não havia sido pronunciada e mostra as estratégias discursivas usadas na tentativa de não gaguejar.

Os resultados são apresentados e discutidos, a partir de cada uma das categorias.

## Resultados e Discussão

Os repertórios dos seis participantes, dentro de cada uma das categorias delineadas, são a seguir apresentados e discutidos.

Na categoria **Sentido da Fala – Positivo** observa-se que a noção sobre “falar com fluência” dos entrevistados 01 e 04 (E1 e E4) é a que circula no senso comum e que corresponde a uma visão que idealiza a fluência como absoluta: *é você falar em um certo e determinado tempo o que você quer falar; o que você tem que falar sem ser interrompido (E1); É não repetir palavras, sílabas. É você não prolongar. É quando seu pensamento está igual ao que você quer falar. Quando o pensamento está equilibrado com o físico (E4).*

No sentido positivo da fala, também, os entrevistados associam a fluência a certos estados emocionais como: *de aceitação de si no qual, não se intimida com a gagueira e enfrenta as situações (E1); estar mais tranquilo, estar relaxado (E3); Penso que seja a tranquilidade, a paz de espírito. É não ter muita cobrança (E4).*

O **Sentido da Fala - Positivo** ainda, aparece em relação à gagueira nas falas de E2 e E6. E2 afirma que *de uns tempos para cá percebo melhoras e não deixo de fazer algo relacionado à fala por causa da dificuldade; hoje encaro isso [a gagueira] com muita tranquilidade. (...), até por entender (...) que as pessoas ao meu redor não estão muito preocupadas com isso. (...) Então, hoje eu tenho*

*maior tranquilidade para falar, para ser fluente, para não ser. Não é o foco da minha vida, não é (...) falar bem, falar fluente, no sentido de ter tirado mais aquela cobrança em relação a falar fluente. E6 afirma que disse para si mesma: para de tentar esconder uma coisa que não dá para esconder, que todo mundo já sabe’, (...) isso me ajudou a melhorar.*

Os repertórios: *entender (...) que as pessoas ao meu redor não estão muito preocupadas com isso e parar de tentar esconder uma coisa que todo mundo já sabe*, trazidos no contexto de melhoras na fala, mostram que a gagueira é uma manifestação fortemente implicada com a presença do outro<sup>(7)</sup> <sup>(10)</sup> <sup>(12)</sup> <sup>(14)</sup>, visto que, como referem os entrevistados, mudanças no modo de encarar esse outro, levaram a mudanças na manifestação da gagueira. Além disso, estes e os outros repertórios apresentados como condições que promovem bem-estar e aumento de fluência tais como: *aceitação de si no qual, não se intimida com a gagueira e enfrenta as situações; ter maior tranquilidade para falar, para ser fluente, para não ser; não ter a gagueira como foco da vida; não ter muita cobrança ou ter tirado a cobrança; encarar com tranquilidade; vão ao encontro de proposta terapêutica a respeito do modo de superar a gagueira*<sup>(7)</sup><sup>(12)</sup>.

E1 diz ainda que no estado mental tranquilo: *you se aceita, você começa a ter uma melhor ideia de como ter controle da sua gagueira e mesmo que você gagueje naquele momento, (...) você vai saber: Não! Estou gaguejando agora, mas eu posso melhorar em outra oportunidade.*

Os repertórios: *you se aceita; ter uma melhor ideia de como ter controle; estou gaguejando agora, mas eu posso melhorar*; por sua vez, indicam que ser capaz de aceitar e enfrentar a manifestação da gagueira em situações sociais pode conviver com o desejo de controlar a fala, o que indica uma posição de falante estigmatizado e, portanto, de sofrimento ao falar<sup>(12)</sup>. Isso sugere que a capacidade de enfrentar a gagueira em público não é o ingrediente decisivo para a superação da gagueira como um sofrimento, o que pode ser uma questão relevante para o tratamento da gagueira.

Tentar controlar a gagueira está relacionado a uma busca saudável de assemelhar-se aos demais falantes<sup>(10)</sup> <sup>(11)</sup>. Para fazê-lo, entretanto, conforme argumentam as autoras<sup>(10)</sup> <sup>(11)</sup>, e também o demonstram nossos sujeitos nos repertórios contidos na categoria **Antecipação**, o falante dirige sua atenção





à materialidade da língua; à forma da fala, a fim de localizar e substituir a palavra na qual acredita que gaguejará. Isso constitui-se em um funcionamento discursivo que tira o falante da posição fluente, perpetuando a produção de uma fala com gagueira.

A esse respeito, na esteira das reflexões sobre tratamento, é interessante considerar que o trabalho terapêutico direcionado à modelagem da fala com gagueira proposto na clínica positivista, caracteriza-se por manter um funcionamento discursivo voltado para a forma, uma vez que se direciona a treinar a pessoa gaga para o uso de técnicas como relaxar a musculatura, lentificar a fala e manter a coordenação pneumofonoarticulatória, a fim de controlar a gagueira. Tratamentos dessa natureza, como comentam os 28 participantes que vivenciaram experiências terapêuticas para tratar da gagueira numa pesquisa<sup>(15)</sup>, repetem os tradicionais conselhos de familiares e amigos (fale devagar, pense no que você está querendo dizer) para se alcançar a fluência.

Os autores da pesquisa<sup>(15)</sup> concluem que métodos de tratamento que priorizam o uso de técnicas e protocolos, em detrimento do envolvimento com as necessidades dos pacientes e com o impacto da gagueira em suas vidas, são ineficientes para promover mudanças na fala da pessoa que gagueja.

Sobre o tratamento também se argumenta<sup>(16)</sup> que a terapêutica que tem como objetivo eliminar os sintomas visíveis da gagueira, restringe a noção da gagueira à falta de fluência. Assim, o gago é considerado como um doente da fala e visto separado dos fatores psicossociais que influem na sua forma de falar.

Para avançar com a construção de conhecimento sobre gagueira, fundou-se<sup>(14)</sup> um grupo de discussão virtual direcionado para pessoas que gaguejam. Após 2 anos de existência, o grupo colheu, analisou e sistematizou os depoimentos dos participantes, por acreditar que conhecer o que os gogos têm a dizer sobre sua fala torna possível pensar que mudanças de crenças e atitudes são necessárias frente à gagueira, o que favorece alcançar melhores resultados terapêuticos<sup>(14)</sup>.

Foi considerado ainda que a utilização de técnicas que visam melhorar o padrão articulatório, respiratório e postural do falante com gagueira pode favorecer o estabelecimento de mudanças na relação estabelecida pelo sujeito entre seu corpo e sua linguagem e pode flexibilizar a determinação do sintoma sobre o sujeito, quando encaradas como

recurso terapêutico que se articula a uma compreensão do sofrimento do falante<sup>(17)</sup>.

Também se destacou que técnicas de trabalho que envolvem a respiração, a voz e os gestos articulatorios, mostram-se eficazes quando utilizadas para levar o falante a sentir e reconhecer sua efetiva capacidade de falar e sua semelhança com os demais falantes, de tal forma que gaguejar deixa de ser um sofrimento, deixa de ser um alvo a ser controlado<sup>(7)(12)</sup>.

Em **Sentido de Fala – Negativo**, cinco dos seis entrevistados mostram que se sentem dessemelhantes e marginalizados em relação aos outros por seu modo de falar. E1 afirma: *“você quer falar como todo mundo; quer sempre estar no padrão de normalidade; de uma certa forma a gagueira deixa (...) um pouco à margem da sociedade*. E2 diz: *“É o que eu sempre quis [falar com fluência]; Caso tivesse a fluência que a maioria tem, isso (...) teria me poupado de alguns constrangimentos*. E3 diz: *“É uma coisa que eu odeio, me faz muito mal. (...) Eu tento conviver com ela, mas é difícil. É difícil você ser um sujeito gago no meio de pessoas que são fluentes*. E5 acredita que se gaguejar, pode quebrar *a imagem de uma pessoa bem sucedida, bem resolvida, equilibrada*. Para E6 é *uma angústia porque eu tento sempre esconder a minha fala*.

Estes repertórios, ao indicarem que os entrevistados consideram a gagueira um atributo que os desqualifica perante os outros; que denota uma anormalidade, apontam para a importância de compreender a relação entre a gagueira e a posição subjetiva de falante estigmatizado, para construir os caminhos terapêuticos de sua superação<sup>(7)(12)</sup>.

Nessa direção, na condição de se sentirem diferentes, E1, E2, E3, E5 e E6 falam sobre emoções e sentimentos<sup>2</sup>, que, em determinadas situações comunicativas, podem tensionar a forma de suas falas ou levá-los ao silenciamento. Para E1: *“A ansiedade acaba provocando interrupções em tua fala e você acaba (...) não conseguindo passar o que (...) pretendia; Provoca uma certa tensão nos músculos do (...) corpo, que acaba provocando (...) essa interrupções na fala: bloqueios, repetição de sons*. Para E2: *“É também a questão emocional que*

2. “Emoções” e “sentimentos” são usados no sentido proposto por Henry Wallon, para quem a emoção é um estado afetivo de curta duração, sempre acompanhado de componentes corporais explícitos como lágrimas, taquicardia, rigidez muscular, etc. e sentimento um estado afetivo de longa duração na ausência de componentes corporais explícitos.







a gente fica, dependendo de como está em casa, (...) com a esposa, com os pais, (...) nesse sentido isso finda abalando. Para E3: *Você é capaz daquilo, mas você, por ter que usar a fala para transformar suas ideias em projetos concretos, aí você desiste.* Para E5: *quando há ausência de emoções, quando não existe cobrança (...) ... é como se o mecanismo da fala não fosse afetado por nenhuma neurose.* Para E6: *Falar é uma angústia muito grande; Eu sempre me preocupo muito com aquilo que as pessoas pensam de mim. Isso sempre me afeta; Isso me causa nervosismo, mais angústia e aí eu não consigo falar.*

Também os participantes do grupo de discussão virtual<sup>(14)</sup>, expressaram suas emoções e sentimentos negativos em relação à gagueira: - *Nunca disse a ninguém que era gago (Por Deus, que vergonha!); - Então aprendi a ter outros medos, outros sentimentos, então com o tempo, creio que eu mesmo, por me esconder, pensava que não poderia estudar certas profissões, que não poderia ascender a certos postos de trabalho, que não... que não... que não...e no fim acreditei; - Quero que me aconselhe sobre o que eu posso fazer, pois me é muito preocupante essa situação que não aguento mais.*<sup>3</sup>

Coerentemente com esse modo de sentir-se, em um estudo em que se analisa a gagueira sob uma perspectiva antropológica<sup>(18)</sup>, afirma-se que “o padrão de fala gaguejante é uma conduta socialmente desviada porque rompe a norma social e, de modo concreto, as regras sociais da comunicação”<sup>4</sup>. Dessa forma, as relações interpessoais são marcadas por uma interpretação do ouvinte que marginaliza e estigmatiza o falante gago. São reações de incompreensão e rejeição à fala disfluente, de imitações caricaturadas, de escárnio, entre outras que provocam sofrimento ao falante<sup>(18)</sup>.

A respeito desse modo de se sentir, destacam-se na literatura trabalhos<sup>(7) (12)</sup> nos quais se considera uma imagem estigmatizada de falante como núcleo

estruturante da gagueira; como marca subjetiva que particulariza os falantes gagos.

Na categoria **Contexto de Fala – Efeito Outro** E1 afirma que o medo é que (...) *você busca a aceitação do outro; Você não sabe se eles vão perceber que você é gago; Você, geralmente, quer esconder essa situação; Isso não acontece quando fala com criança, já que ela não vai ter uma reação como uma pessoa mais adulta teria, de reprovação, de você se achar diferente do outro.*

Também os participantes do grupo virtual<sup>(14)</sup> referiram que a presença do outro gera medo: - *Me dá pânico atender ao telefone quando falo com uma pessoa desconhecida; - É um medo do ridículo, um temor de que os outros falem do nosso defeito; - Adoraria ser sociável, não sei como vencer todos esses medos.*<sup>5</sup>

A esse respeito, afirma-se que o medo existente na situação de fala com gagueira representa a antecipação da reação do ouvinte e a previsão do próprio erro<sup>(19)</sup>. Ou seja, em determinadas situações comunicativas, ao antever que gaguejará, o sujeito também antecipa que o interlocutor o interpretará como gago, atributo que considera negativo, que deseja esconder. Quando a antecipação e a previsão do erro não acontecem, dizem as autoras<sup>(19)</sup>, nota-se mais fluência na fala de quem gagueja.

É possível observar essa relação entre características da situação comunicativa ou características atribuídas ao interlocutor e grau de temor da gagueira no discurso dos entrevistados. Para E1: *Falar em público é difícil. Você tá buscando a aceitação e você tá se preocupando em não gaguejar para várias pessoas.* Para ele, públicos diferentes produzem efeitos diferentes: *grupo de amigos, (...) um grupo menor, que, mesmo que você gagueje você, não se preocupa tanto quanto se fosse para um grupo de pessoas maior, que você não conhece todo mundo. Você não sabe se elas vão perceber que você é gago. Você geralmente quer esconder essa situação.* E ainda, conversar com pessoas desconhecidas e com alto grau de escolaridade, pode deixá-lo *sem jeito na hora de falar.* Para E2: *quanto maior o [grau de censura que imagina vir do ouvinte] maior a quantidade de disfluência; Eu sou membro da igreja evangélica e às vezes faço*

3. Tradução livre de: - *Nunca comenté a nadie que era tartamudo (Por Dios, que verguenza!); - Así aprendí a tener otros miedos, otros sentimientos, así con el tiempo, creo que yo mismo por el hecho de esconderme pensaba que no podía estudiar ciertas carreras, que no podía acceder a ciertos puestos de trabajo, que no...que no...que no...y al final me lo creí; - Quiero que me aconseje qué puedo hacer ya que me es muy preocupante esta situación que no aguento más.*

4. Tradução livre de: “*el patrón de habla tartamudo es una conducta socialmente desviada porque quebranta la norma social y en concreto, las reglas sociales de la comunicación.*”

5. Tradução livre de: - *Me da pánico tomar el teléfono cuando yo le hablo a otra persona desconocida; - Es un miedo al ridículo, un temor a lo que los demás opinen de nuestro defecto; - Me encantaría ser sociable, no sé cómo vencer todos estos miedos.*





até pregações. (...) *tem dias que dão mais e tem dias que dão menos [pessoas], mesmo assim eu faço; Se alguém me colocar para ler um texto (...) é mais difícil, mas se for para expor um ponto de vista é bem mais fácil; Consigo falar em público, defendendo minhas ideias, mas (...) para pedir um negócio a um frentista, em uma padaria não flui como deveria, como flui nas outras situações.* Para E3: *Falar com pessoas íntimas é mais fácil. (...) Já falar com pessoas que você não tem intimidade ou até no trabalho, com o chefe é mais difícil.* De modo semelhante E4 diz: *eu tenho medo que elas me reprovem. (...) aí penso que elas vão rir. Com as pessoas que eu tenho mais intimidade, eu até gaguejo... não tenho muito medo porque elas sabem do meu problema.* Para E5: *quando eu incorporo o professor... o professor tem mais flexibilidade no tempo que ele vai utilizar para cada frase, para cada caminho, (...) para transmitir o conteúdo. Quando você tá em algumas situações mais rígidas, mais estreitas [é mais difícil], um exemplo muito claro é: diga seu nome, sua profissão. Já para E6 não há distinção entre conhecidos e desconhecidos: *Seminário, trabalhos, eu pedia para outra pessoa falar por mim. Eu não falava. Eu sentia vergonha de ficar em público, para uma pessoa (...) [numa condição] que eu não consiga falar; Às vezes eu vou falar com uma amiga (...) ou contar alguma coisa para meu pai, para minha mãe...e aí...eu estou tensa, isso faz com que [a gagueira] aumente.**

Os repertórios acima confirmam que os entrevistados, ao ocuparem a posição de falantes gogos, imaginam o seu ouvinte na posição daquele que não dará sentido à sua fala, mas fiscalizará o dizer, daquele que poderá rejeitá-los ou reprová-los<sup>(10)(11)</sup>. Esta é uma posição antecipada ao outro “enquanto formação ideológica, mas que pode ou não estar no outro enquanto formação discursiva”<sup>(10)</sup>.

Isso também nos remete a já mencionada ideia de que a ilusão de ser interpretado de modo desfavorável nas relações face a face, revela marcas negativas na subjetividade construídas a partir de uma ideologia de bem falar e constitutivas de um falante que se sente estigmatizado. Consequentemente, determinadas situações comunicativas tornaram-se lugares de preocupação com o interlocutor e geram previsão de gagueira, sofrimento com o modo de produção de fala e tensões musculares<sup>(12)</sup>.

A respeito disso vale comentar que embora E1, E2, E3, E4 e E5 tenham sido consensuais quanto a sentirem maior dificuldade para falar com estranhos

do que com pessoas íntimas, E6 revelou sentir dificuldade em ambas as situações. Isto remete às considerações sobre as singularidades do funcionamento subjetivo da imagem estigmatizada de falante<sup>(12)</sup>. A autora<sup>(12)</sup> explica que há pessoas com gagueira que se sentem melhor ao falar com conhecidos, por já compartilhar com eles sua gagueira e assim não sentir necessidade de escondê-la, e outras que se sentem melhor ao falar com estranhos, por saber que estes não sabem de sua gagueira. Sob essa perspectiva pode-se considerar que para E6 o sofrimento com a gagueira é talvez mais profundo que para os demais falantes entrevistados, visto que, seja com conhecidos, seja com estranhos, o peso da gagueira parece igualmente presente.

Outro aspecto que se revela nesta categoria, a partir dos repertórios de E2 e E5, é a influência do tipo de discurso sobre a capacidade de prever e evitar a gagueira, de modo a tornar a situação de fala fácil ou difícil. Os dois entrevistados afirmam que é mais fácil falar e que são mais fluentes em contextos como o de pregar na igreja (E2), ou dar aulas (E5), quando o discurso é mais flexível, mais aberto. Isso, em outras palavras, quer dizer: quando lhes é possível escolher entre diferentes cadeias de significantes. Disso se pode depreender que tal situação discursiva lhes permite evitar ou fugir dos lugares, das palavras ou dos fonemas em que preveem a gagueira. Tal condição os leva à curiosa situação de resolver a suposta incapacidade de falar, falando, justamente porque ao designar um suposto lugar para a gagueira, liberam todos os outros como sendo de não gagueira<sup>(12)</sup>. Isso também esclarece porque é mais difícil falar ao ter que dizer o próprio nome, a profissão (E5) ou ter que ler um texto; pedir algo numa padaria (E2), condições em que a situação discursiva não apresenta flexibilidade, porque as palavras não podem ser substituídas por outras, de modo que gaguejar se torna inevitável<sup>(7)(12)</sup>.

Tudo isso revela a presença de conflito na produção do discurso, em determinadas situações de fala em que os entrevistados se sentem vulneráveis na posição de gogos, diante de ouvintes considerados como aqueles que podem notar criticamente sua marca, sua diferença, sua gagueira. Dessa forma, pode-se compreender a gagueira como efeito que a subjetiva imagem estigmatizada de falante, produz na objetividade da produção da fala<sup>(7)(12)</sup>.

Ao contrário do visto na sub-categoria **Efeito Outro**, vemos agora em **Contexto de Fala – Efeito Sozinho** que todos os entrevistados, com exceção





de E6, apresentam repertórios mostrando o falar sozinho como algo positivo; algo que traz fluência a suas falas. Para E1: *não precisa ficar se preocupando com a aceitação do outro; Então, você não antecipa o que vai falar; Não tem planejamento da fala; Por isso você tende a não gaguejar; Quando eu falo sozinho eu não me preocupo em gaguejar porque não tem ninguém vendo; Você acaba falando de forma natural, sem preocupação.* E2 acredita que *falar sozinho não incomoda ninguém* e nessa situação *Parece que é uma outra pessoa que fala.* Para E3: *you não sente insegurança, você está tranquilo; você não sente essa tensão (...), não vai falar para ninguém.* E4 considera que sozinho não gagueja porque *não tem ninguém para ver, cobrar, rir da sua cara, desaprovar...* E5 percebe que sente *uma tranquilidade bem grande, uma serenidade plena, é como que se o mecanismo da fala não fosse afetado por nenhuma neurose.* Diferentemente dos demais, E6 considera que *falar sozinha não é muito bom, porque aí não tem ninguém para olhar para você; para ouvir você falar.*

O fato de a situação “estar sozinho” ter o poder de desativar tudo o que se viu na categoria **Efeito Outro**, corrobora a comentada visão de que a manifestação da gagueira está atrelada à presença do outro. Nessa direção foi dito que: “a gagueira frequentemente constitui uma dificuldade relacional, que pode se manifestar de forma generalizada ou limitada a certas situações e contextos”<sup>(20)</sup>. Tudo isso fortalece a compreensão de que a gagueira não está no sujeito, mas em posições discursivas<sup>(10)</sup> <sup>(11)</sup> e de que quando o funcionamento discursivo da pessoa gaga passa a não se desviar do eixo do sentido, pode mostrar-se fluente<sup>(12)</sup>.

Temos ainda que o repertório de E2, quando ele menciona não se reconhecer quando flui porque lhe parece que é outra pessoa que fala, fortalece a noção de que uma imagem estigmatizada de falante na subjetividade é o núcleo estruturante da gagueira.

O repertório de E6, por sua vez, vai na direção do que se disse sobre seu sofrimento para falar na categoria **Contexto de Fala – Efeito Outro**, considerando que não apenas não aprecia sua fluência quando está sozinha, como os demais entrevistados, mas também a lamenta porque é para ninguém.

A categoria **Antecipação da Gagueira** traz repertórios que revelam os modos como a gagueira

é prevista subjetivamente, antes de se materializar na fala.

Nos repertórios a seguir a antecipação mostra-se como um pensamento ou visualização: E1 diz: *É um ciclo vicioso, porque quando você antecipa, pensa que vai gaguejar, então você considera como se fosse gaguejar mesmo.* E2 afirma: *Quando vai falar, já vem aquela palavra que não vou conseguir... E não consegue mesmo (...). Não compreendo bem a causa disso.* E3 diz: *ele vai antecipar, ele sabe que naquela palavra ele vai gaguejar.* Para E4: *é botar na cabeça: eu não vou gaguejar. Mas você gagueja.* E6 conta: *sempre penso que antes de falar eu posso vir a gaguejar.*

A antecipação também se mostra por meio de emoções e sentimentos como medo, ansiedade, preocupação, abalo. E1 diz: *se você pensa que pode gaguejar, você já fica se antecipando, aí gera uma ansiedade; talvez seja o medo de eu não conseguir falar tudo o que eu pretendia.* E2 refere-se a um abalo que é materializado (...) na fala. E3 diz: *you vai falar e sabe que vai gaguejar, você já fica um pouco tenso.* E6 diz: *quando (...) eu me preocupo em falar, aí eu não consigo falar bem.*

Articulando pensamentos a emoções e sentimentos, no relato de um participante do grupo virtual<sup>(14)</sup> também se pode apreciar a presença da antecipação da gagueira e seu efeito: *existe toda uma carga mental-emocional que é desgastante e para tentar evitá-la não nos ocorre ideia melhor do que tentar falar sem se travar, o que, no meu entender intensifica muito mais essa carga mental. É algo assim como: quanto mais se pensa nisso e se tenta falar com clareza e fluidez, mais você se condiciona a ter travas. Eu diria que é inversamente proporcional, o desejo de fluência e a manifestação da trava.*<sup>6</sup> Mostra-se ainda por meio de ações no corpo ou estratégias linguísticas a fim de evitar a gagueira ou alcançar a fluência. E1 diz que procura controlar a respiração e afirma: *Se você realmente acredita, pode até funcionar, mas não é uma coisa certa (...) que vai funcionar em todas as situações.* Diz ainda: *quando eu estou no trabalho e o telefone toca, eu gosto de atendê-lo*

6. Tradução livre de: *hay toda una carga mental emocional que es desgastante y para tratar de evitarla no se nos ocurre mejor idea que tratar de hablar sin trabarnos, lo cual a mi entender intensifica mucho más esta carga mental. Es algo así como que, cuanto más piensas en ello, más intentas hablar claro, fluido, más te condicionas a trabarte. Diría que es inversamente proporcional, el deseo de fluidez, y la aparición de la trava.*







em pé. (...) É um hábito que adquiri. (...) Você se levanta e já vai preparando o que vai falar. Tem situações que eu planejo, mas nem falo aquilo que planejei. Falo de uma forma mais simples possível (...). Então eu posso falar três frases em uma, de forma que eu possa cortar palavras, mas falando o principal. Outra estratégia é bater o pé no chão com mais firmeza. Refere também substituição de palavras: *Ao invés de dizer alô, posso dizer oi*. E2 refere que no posto de gasolina prefere sair do carro para fazer o pedido ao frentista. Também refere que substitui palavras; prolonga sons; é capaz de *transferir a gagueira para outra [palavra] anterior [à prevista]* e na padaria prefere pedir *pelo dinheiro*, em vez de dizer quantos pãezinhos deseja. E3 também tenta *trocar as palavras*. Além disso, brinca para se sentir *mais relaxado e a palavra sair fluentemente* ou então, em algumas situações, *acaba se calando e não conseguindo desenvolver um bom diálogo*. E4 diz que tenta *respirar fundo* e também troca palavras consideradas difíceis por outras consideradas fáceis: *meu nome é difícil falar; minha profissão, endereço*. E5 diz que usa *uma entonação ou alguma muleta para conseguir continuar falando*. E6 também diz que troca palavras ou se cala e diz: *ai, esqueci*. Também tenta ficar calma ou fala *muito depressa*.

Os repertórios desta categoria articulados aos de **Contexto de Fala-Efeito Outro** confirmam que as estratégias discursivas utilizadas pelo falante gago mostram que, em certas condições de produção do discurso, ele tem certeza de que não conseguirá falar sem gaguejar e de que seu ouvinte interpretará seu modo de falar como gagueira<sup>(10)(11)</sup>. Assim, na intenção de evitar a concretização das suas previsões, segundo as autoras<sup>(10)(11)</sup>, o falante substitui palavras; fica em pé para ajudar-se a falar ou pronunciar a palavra temida; interfere conscientemente na respiração antes de falar; usa determinada entonação e velocidade de fala considerada facilitadora entre outras estratégias possíveis de serem criadas. Concluem<sup>(10)(11)</sup> que, desse modo, observa-se um falante com atenção discursiva para a forma do dizer e cujas estratégias parecem confirmar sua dificuldade na fala, pois acredita que só com elas será capaz de falar.

A propósito, vale considerar o repertório de E2 quando disse: *quando vai falar, já vem aquela palavra que não vai conseguir e não consegue mesmo. Não compreendo bem a causa disso*. Isto revela tanto o poder da previsão da gagueira para a

sua ocorrência, como a dificuldade de compreender a possibilidade de que gagueje porque prevê.

A articulação entre os repertórios desta categoria com os das categorias **Sentido da Fala – Negativo, Contexto de Fala - Efeito Outro** também fortalecem a proposta de que o silenciamento, as tensões e movimentos corporais e as substituições de palavras, são materializações da recusa do ouvinte em doar sentido à fala que se mostra com repetições, bloqueios e reformulações<sup>(10)</sup>.

Estratégias como as descritas nos repertórios acima geralmente tem o poder de cumprir a função que subjetivamente lhes foi atribuída pelo falante: a de gerar a fluência<sup>(12)</sup>. Por isso, são incorporadas ao funcionamento discursivo, o que garante a sua manutenção. No funcionamento discursivo gaguejante, o falante age como se soubesse aquilo que, de fato, não é sabido, isto é: o lugar em que algum lapso, hesitação ou tropeço ocorrerá<sup>(12)</sup>. Não é sabido porque, embora os falantes saibam falar, não sabem como o fazem, de modo que é impossível prever equívocos, quebras, lapsos, hesitações<sup>(10)</sup>. Nessa condição, a produção da gagueira pode ser entendida como produto de uma interferência na espontaneidade da fala, ou seja, produto de um tipo de funcionamento discursivo<sup>(12)</sup>, que, como mostram os repertórios aqui analisados, persegue a ilusão de poder controlar e corrigir a forma gaguejada de falar prevendo-a, e desse modo, prioriza a forma da fala em lugar de priorizar o sentido, com o que, como era intenção demonstrar nesta dissertação, a posição fluente se perde.

## Conclusão

A compreensão obtida sobre a desarmonia entre fala e língua no funcionamento do discurso de pessoas adultas que se consideram gagas permitiu concluir que os entrevistados revelaram um funcionamento subjetivo no qual desejam ocultar algo que veem como estigmatizante: sua gagueira. Para fazer isso, do ponto de vista do funcionamento discursivo, saem do eixo do sentido do dizer, lugar que garante a fluência de fala porque permite deslizar pela cadeia de significantes, e vão para o eixo da forma. E o fazem, por meio da antevisão ou antecipação da forma gaguejada nas palavras ou fonemas que serão pronunciados perdendo, com isso, a posição fluente. Os entrevistados revelaram, assim, do ponto de vista discursivo, uma desarmonia entre fala (eixo do sentido) e língua





(eixo da forma), porque lhes parece importante permanecer no eixo da forma, onde creem encontrar alguma materialidade que lhes dá a ilusão de poder controlar a fala. Parece que somente desse modo se permitem falar, o que é coerente com o fato de se sentirem estigmatizados como falantes.

Tais achados explicitam dois elementos que parece importante considerar no direcionamento de uma abordagem terapêutica fonoaudiológica da gagueira que pretenda superar o modo de funcionamento subjetivo/discursivo que a sustenta, em vez de reiterá-lo. Um deles, relacionado à subjetividade, refere-se ao desejo de ocultar 'algo' interpretado como estigmatizante; outro relacionado ao funcionamento discursivo, refere-se a manter-se no eixo da forma da fala por meio da antecipação do suposto lugar da forma gaguejada de falar, a fim de suprimi-la ou contê-la.

Para tanto, entende-se a necessidade e a importância de realizar mais estudos, tanto sobre o funcionamento subjetivo-discursivo da gagueira, como sobre resultados terapêuticos que caminharam na direção de sua superação, a fim de fazer avanços na construção de uma abordagem clínico-terapêutica que mantenha a homogeneidade e a covariância entre seus elementos e seja eficiente na consecução dos resultados almejados.

## Referências

1. Damasceno WAPL, Friedman S. Análise da produção científica fonoaudiológica nacional sobre gagueira. Rev. CEFAC [periódico na Internet]. 2011 Fev [citado 2011 Abr 04]; 13(1): 41-47. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462011000100006&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000100006&lng=pt). Epub 03-Dez-2010. doi: 10.1590/S1516-18462010005000131.
2. Andrade CRF. Protocolo para avaliação da fluência da fala. Pró-Fono Revista de atualização científica, 2000; 12(2):131-4.
3. Arcuri CF, Osborn E, Schiefer AM, Chiari BM. Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. Pró-Fono R. Atual. Cient. [serial online] Barueri, v.21, n.1, Mar.2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-56872009000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872009000100008&lng=en&nrm=iso).
4. Juste FS, Andrade CRF de. Influência da extensão da palavra e local da ruptura na sílaba na fala de adolescentes e adultos gagos e fluentes. Rev. soc. bras. fonoaudiol. [periódico na Internet]. 2011 [citado 2011 Maio 05]; 16(1): 19-24. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-80342011000100005&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342011000100005&lng=pt). doi: 10.1590/S1516-80342011000100005.
5. Oliveira OS, Friedman S. A clínica da gagueira: diferentes paradigmas e suas consequências. In: David RHF, Barbosa PS. Cadernos da Fonoaudiólogo. São Paulo: Editora Lovise, 2006. p. 7-13.

6. Freire RM. A fundação da clínica fonoaudiológica. In: Gonçalves NP, Fonte RFL da (Org.). Aquisição de linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas. Curitiba: CRV, 2011, p. 87-96.
7. Friedman S. Fluência de fala: um acontecimento complexo. In: Fernandes FDM; Mendes BCA; Navas ALPGP (orgs). Tratado de Fonoaudiologia. 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2010. p. 443-8.
8. Scarpa EM. Ainda sobre o sujeito fluente. In: Lier-Devitto MF; Arantes L. Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: PUCSP Educ, 2006. p. 161-80.
9. Orlandi E. Análise de discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.
10. Azevedo NP, Freire RM. Trajetórias do silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: Friedman S; Cunha MC. Gagueira e Subjetividade. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 145-60.
11. Freire RM, Pascalicchio Passos MC. Gagueira: uma questão discursiva. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.1): 9-35, jan/jun 2012.
12. Friedman S. Gagueira: uma visão dialético-histórica. In: Rocha EMN (org.). Gagueira: um distúrbio de fluência. São Paulo: Ed Santos, 2007, p.189-201.
13. Spink MJP. Caminando sobre huevos: una reflexión constructorista sobre la investigación. Athenea Digital. 2006; 9(1),168-83.
14. Rodríguez C PR. Hablan los tartamudos. Caracas: Vicerrectorado Académico - Comisión de Estudios de Postgrado Facultad de Humanidades y Educación - Universidad Central de Venezuela, 2005.
15. Plexico LW, Manning WH, DiLollo A. Client perceptions of effective and ineffective therapeutic alliances during treatment for stuttering. Journal of Fluency Disorders. 2010;35(4):333-354.
16. Rodríguez C PR. O tratamento do adulto gago. In: Friedman S, Cunha MC (orgs) Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001, p. 115-32.
17. Tassinari MI. Do sintoma ao sujeito: contribuições da Psicanálise para o atendimento de um paciente gago. In: Friedman S, Cunha MC (orgs). Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001, p. 77-94.
18. Zamora CL. Antropología de la tartamudez - etnografía y propuesta. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2007.
19. Cavalcanti TMC, Azevedo NPSG, Silva LPS. A prática discursiva em um grupo terapêutico de gagueira: um estudo de caso. In: Azevedo, NPSG; Fonte, RSL (orgs) Aquisição de linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas. Curitiba: CRV, 2011; p 113-25.
20. Souza LA de P. Da gagueira: entre o medo e o desejo. In: Friedman S, Cunha MC (orgs). Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001, p. 105-13.

**Recebido em junho/12; aprovado em agosto/12.**

### Endereço para correspondência

Wladimir Alberti Pascoal de Lima Damasceno  
Endereço: Rua Ministro Godói, 1142 - apto. 14  
Bairro: Perdizes, CEP 05015-001  
São Paulo - SP

**E-mail:** [wladimirdamasceno@gmail.com](mailto:wladimirdamasceno@gmail.com)

